

BICHOS, BICHANOS E SERES HUMANOS*

Cristina Bruzzo**

RESUMO: *O texto aborda a presença de animais humanizados nos filmes de animação e considera a influência das narrativas populares na construção destes personagens. A partir da análise sobre o antropomorfismo feita por Italo Calvino, é examinada a produção da indústria de entretenimento e é apontada a limitação resultante desta centralidade humana na compreensão da natureza.*

ABSTRACT: *Assuming Italo Calvino's discussion about antropomorfism this paper proposes to focus the antropomorfism in some classical animation films, approaching aspects related to natural sciences and cultural studies.*

- Muito bem. Vamos agora ver se não perdi meu tempo. Que é que você conclui de tudo isto, Pedrinho?

- Concluo, vovó, que as fábulas, mesmo quando não valem grande coisa, têm sempre um mérito: são curtinhas...

- Muito bem. E você, minha filha?

- Para mim, vovó, as fábulas são sabidíssimas. No momento a gente só presta atenção à fala dos animais, mas a moralidade nos fica na memória e de vez em quando, sem querer, a gente aplica "el cuento", como a senhora diz.

- Muito bem. E você, Émilia?

- Eu acho que as fábulas são indiretas para um milhão de pessoas. Quando ouço uma, vou logo dando nomes aos bois: este mono é o tio Barnabé; aquele asno carregado de ouro é o Coronel Teodorico; aquela gralha enfeitada de penas de pavão é a filha de Nhá Veva. Para mim, fábula é o mesmo que indireta.

* Texto produzido para a Fundação para o Desenvolvimento da Educação.

** Professora Doutora do Departamento de Metodologia do Ensino e da Pós-graduação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) SP.

Dona Benta voltou-se para o Visconde.

- E que pensa das fábulas, Visconde?

O sabuguinho assoprou e disse:

- Na minha opinião, as fábulas mostram só duas coisas: 1ª) que o mundo é dos fortes; e 2ª) que o único meio de derrotar a força é a astúcia...¹

Este trecho faz parte do encerramento da coletânea de fábulas feitas por Monteiro Lobato, as quais são seguidas por comentários dos personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo. São as tradicionais fábulas que conhecemos desde a infância: aquelas narrativas curtas, em prosa ou poesia, que encerram uma verdade moral e geralmente são protagonizadas por animais: formigas e cigarras; lobos e cordeiros; cegonhas e raposas; sapos, leões, ursos, cavalos, águias, coelhos, jabutis...

Formas eficazes de transmitir “ lições de vida “ para as crianças através de livros, músicas, desenhos animados, histórias contadas nos serões das casas de sítiantes atualizadas em versões para CD-Rom.

Os filmes de animação são repletos destas histórias, em adaptações fiéis ou marotas, ou até em novas construções narrativas nelas inspiradas tendo sempre ‘a frente algum bicho rechonchudo e simpático.

De onde provêm, afinal, estas narrativas tão populares? La Fontaine, é claro. O escritor francês que produziu as famosas fábulas em forma de verso, publicadas em 1644 e que até pouco tempo ainda eram usadas para ensinar francês pela forma elegante e simples de seu ver-sejar.

*Maître Corbeau, sur un arbre perché,
Tenait en son bec un fromage.
Maître Renard, par l' odeur alléché,
Lui tint 'a peu près ce langage: ²*

¹ Monteiro Lobato. **Fábulas**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 54

² Trecho inicial da fábula *Le Corbeau et le Renard* sobre o corvo que tinha um pedaço de queijo no bico e a raposa que o elogia tanto até convencê-lo a demonstrar seu canto e assim abocanha o queijo. Extraída de: La Fontaine. **Fables** Paris: Hachette, 1958, p. 5

Seria uma origem respeitável para as fábulas, mas estas já eram centenárias quando nasceu La Fontaine. Na verdade, ele lhes deu o estilo que as tornou famosas e edulcorou-as com a moralidade bem-comportada, tão cara aos pais e educadores.

Registram-se versões escritas das fábulas desde os primeiros séculos da era cristã; há uma famosa coleção em sanscrito, provavelmente do 3º século e uma edição latina feita pelo monge bizantino Maximus Planúdio (séc. XIII-XIV dC). Mas a origem ainda não está nestas obras, porque elas são compilações das breves histórias transmitidas oralmente e cuja autoria é atribuída a um escravo alforriado que viveu na Grécia no século VI aC. Embora ele não lhes tenha dado uma forma escrita, seu nome está definitivamente associado a elas: são conhecidas como as fábulas de Esopo. Eram curtas narrativas, de fundo alegórico e moral, com animais vivendo situações que serviam para transmitir normas de conduta para os homens. Sim porque estas fábulas não eram dirigidas ‘as crianças, mas aos homens livres da Grécia que as ouviam e contavam nos banquetes e praças. Muito mais tarde estas narrativas tomaram a forma de literatura infantil. Acreditam os estudiosos que Esopo não as tenha inventado, mas, como viajava muito, teria ouvido diversas histórias, possivelmente de origem oriental, as quais divulgou. Ele se tornou famoso por sua habilidade em compor narrativas orais, com estilo realista e irônico. Talvez essa forma de alegoria tenha surgido com a fixação das populações nômades antigas, quando os homens- caçadores passaram a observar as características e a representar os animais. As fábulas acompanharam as sociedades em suas transformações, apresentam variantes, mas algo de sua essência permanece. Como disse Italo Calvino, ao término de dois anos de trabalho com fábulas italianas *as fábulas são verdadeiras (...) são uma explicação geral da vida, nascida em tempos remotos e conservada no lento ruminar das consciências camponesas até nós; são o catálogo dos destinos que podem acontecer a um homem e a uma mulher...*³

De uma certa forma é como se estas fábulas viessem sendo contadas e recontadas nas inúmeras historinhas e desenhos que vimos e nossas crianças continuam assistindo. Uma boa questão a se levantar é: quais as preferências na hora de inventar histórias ou criar desenhos animados com animais?

³ Para quem se interessar por conhecer mais sobre as fábulas, veja o prefácio do livro de fábulas italianas compiladas por Italo Calvino: **Fiabe italiane: raccolte e trascritte da Italo Calvino.** Milano: Oscar Mondadori, 1978 (publicado pela Companhia das Letras com o título de **Fábulas italianas**).

Variadas, não resta dúvida, mas alguns tipos predominam. Há uma clara predileção pelos vertebrados: peixes, tartarugas, cobras, sapos, jacarés, cegonhas, patos, papagaios, corvos, corujas e, principalmente, os mamíferos - cães, gatos, coelhos, ursos, elefantes, lobos, raposas, cavalos e burros, focas e até marsupiais como o lobo da Tasmânia. Afinal, quanto maior o parentesco, mais verossímil a humanização. A proximidade geográfica parece também dar um caráter de reconhecimento, assim os animais domésticos surtem grande efeito nos processos de identificação: quem não se comove com a ceia 'a base de um longo espagete envolvendo os personagens principais de **A Dama e o Vagabundo** (Lady and the Tramp, 1955), dos Estúdios Disney ?

Talvez a familiaridade pelo convívio, mesmo que indesejado, explique a presença um tanto estranha do rato. Apesar de ninguém parecer dar muita atenção para este fato, mas Mickey é um mouse. a gente não pensa nele mexendo no lixo ou perambulando pelo esgoto, mas o mestre de cerimônias da Disneylândia, recorde de vendas em exdrúxulos bonés e camisetas, é um rato!

Entretanto, basta vê-lo em ação nas telas para esquecer sua classificação biológica. Em **Fantasia** (Fantasy, 1940) como aprendiz de feiticeiro ele mais parece um garoto ágil, esperto e maroto, com orelhas meio grandes, luvas brancas e pupilas nos olhos que até então eram representados como um indistinto olhar negro⁴.

Nesta família de mamíferos roedores é bom lembrar que há ratos-negros e ratazanas, camundongos e ratos-de-taquara. Uma sutileza que o desenho **A Ratinha Valente** (The Secret of Nimh, 1982), do animador Don Bluth, mostra com diferenças interessantes de tratamento dos animais presentes: os ratos, com ambições e sentimentos humizados, aparecem vestindo roupas, construindo habitações com móveis e utensílios, enquanto o gato, gordo e ameaçador, está na sua condição de caçador de ratos e o desajeitado corvo claramente foi concebido para inserir momentos de animação mais movimentada e engraçada.

Quais características são omitidas, permanecem e até podem ser exageradas neste processo bizarro de dar-lhes um caráter antropomorfo? Aquilo

⁴ Uma análise interessante da evolução das características de Mickey Mouse pode ser encontrada no livro de Stephen Jay Gould, **O polegar do panda**. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p.83-94.

que geralmente nos fascina no bicho tende a permanecer. Para tanto basta examinar a obsessão naturalista dos desenhos do Estúdio Disney. Para realizar **Bambi** os animadores desenharam 'a exaustão os movimentos e expressões de um filhote de veado colocado no centro de uma roda de profissionais do estúdio.

A forma do corpo, a agilidade de movimentação, a destreza nos ataques, a suavidade dos passos, as possibilidades de sons, gestos e expressões naturais, isto pode permanecer. Os sentimentos, as reações emocionais, as motivações e intencionalidades são humanos. E tanto mais eficaz será esta associação, portanto menos perceptível, quanto mais a representação se aproximar da natureza. Choramos com Bambi e o Rei Leão, mas o Pernalonga só arranca risadas, ninguém tem muita pena do Coiote, nem do Bip-Bip.

Chama a atenção nos desenhos a profusão no uso estereotipado dos bichos: a cobra traçoeira como em **Mogli, o menino lobo** (The Jungle Book, 1967), sempre tentando hipnotizá-lo; a bondade e doçura das aves como os passarinhos que acompanham a princesa em **Branca de Neve e os Sete Anões** (Snow White and the Seven Dwarfs, 1937); a raposa esperta, o leão corajoso, os urubus desajeitados, dentre outros. Uma categoria 'a parte são as mães dos animazinhos, totalmente boas como em **Bambi** e **Dumbo**.

Curiosos são os personagens com comportamento ligeiramente ambíguo como o Grilo-Falante de **Pinóquio** (idem, 1940) que, apesar de ter a incumbência de ser a consciência do boneco de pau, é malicioso, logo pensa em desistir de sua missão junto ao marionete para "curtir a vida"; ou Balu de **Mogli, o Menino Lobo** que faz o estilo tio solteirão, brincalhão e meio irresponsável que diverte a meninada. Observe que estes são personagens criados para fazer graça e normalmente respondem pelos melhores momentos de animação dos desenhos - evidentemente porque o estúdio destinou a realização destes animais a seus animadores mais criativos.

Não dá para esquecer o Pato Donald, com seu gênio irascível, sempre criando o caos a partir de pequenos incidentes, como podemos ver no curta **O Pneu Furado** no qual Donald, por conta do pneu furado que ele precisa trocar, sobrepõe uma confusão 'a outra numa sucessão de ações desajeitadas que nos lembram como é difícil realizar as operações aparentemente simples neste mundo de máquinas e equipamentos que, segundo dizem, aí estão para facilitar nossa vida e com os quais, parece, estamos em luta contante.

Divertidos, bem divertidos, são alguns meio maus, meio malandros que povoam a animação como a dupla João Honesto, a raposa e Julião, o gato do filme **Pinóquio**. Ou Muttley, o cachorro parceiro de Dick, o vigarista da **Corrida Maluca** sempre dando sua risada sarcástica a cada trapalhada do Dick.

Mas surpreendentes são aqueles que viram de perna para o ar os clichês habituais e elaboram ações sem nexos, agitando-se pelas telas entre ironia e desatino, como o Bip-Bip e o Coiote, Pica-Pau, Tom e Jerry, Pernalonga que subvertem a noção de vítima. Veja, por exemplo, o curta **Uma Família de Presuntos** (One Ham's Family)⁵ do genial animador Tex Avery em que o "pequeno e inocente" porquinho Júnior, na noite de Natal, literalmente tira a pele do malvado lobo. Essa paródia, vale lembrar, começa recordando a história do três porquinhos, um dos primeiros sucessos de música feita especialmente para desenhos: *Quem tem medo do lobo-mau, lobo-mau, lobo-mau...* Embora porquinho e lobo, estes bichos mandam aos humanos um recado claro: neste mundo não dá para descuidar.

Animais enternecedores, aterrorizantes ou irônicos, nestas histórias continua valendo a análise do Visconde de Sabugosa, não por acaso um sabugo de milho humanizado: as fábulas servem para mostrar que só a esperteza pode vencer a força, neste mundo não ganha nada, pelo contrário, quem pretende "dar a outra face". E, às vezes o consolo para o mais fraco é poder rir ao ver que o rei está nu, no estilo das risadas do Pica-Pau ao final de cada desenho ou como o balançar da bengala do Carlitos seguindo pela estrada, sempre vagabundo. É bom lembrar que os filmes de animação devem muito aos velhos comediantes do cinema mudo.

O animador Chuck Jones, considerado um dos melhores animadores da Warner, é famoso por ter criado muitos desenhos com personagens malucos (como Pernalonga, Bip-Bip e Coiote, Patolino) e imprimir-lhes um ritmo especial. Perguntaram a ele porque, nos desenhos animados, os realizadores costumavam criar animais humanizados. Sua resposta: porque é mais fácil humanizar os animais do que os seres humanos.

Bem, em **Uma Cilada Para Roger Rabbit** (Who Framed Roger Rabbit, 1988) o diretor Robert Zemeckis tentou humanizar colocando pessoas

⁵ Este filme integra a fita **O Natal Inesquecível de Tom e Jerry**.

desenhadas, além dos atores. A sexy Jessica Rabbit, convenhamos, está mais para Carlos Zéfiro, como a Betty Boop dos velhos tempos, de liga nas coxas e saia curta. O vilão é uma caricatura da perversidade. Esta simplificação grosseira serve ao espírito do desenho, porém nos deixa de sobreaviso: pode haver no personagem humano algum recado dirigido a nós, convém não levar em conta. Os humanos nos desenhos clássico da Disney também nunca convenceram.

Assim, como camponeses em volta da lareira, tecendo fios e narrativas vamos ouvindo as histórias de bichos e fadas, ogres, princesas e sapos. Com estes personagens aparentemente distantes vamos aprendendo a enfrentar a vida.

Estes heróis, em geral pouco edificantes, com seus pêlos, patas, garras, rabos e orelhas grandes, são também bastante ridículos: andam desajeitadamente, emitem vozes estridentes, o mais das vezes agitam-se freneticamente conseguindo quase nada como resultado de seus esforços. Ridículos como o coelho Roger Rabbit, fazendo piadinhas sem graça, enfrentando as situações perigosas de forma atabalhoada e sempre precisando de ajuda.

Estas caricaturas nos divertem, é claro. Afinal esta é a finalidade do cinema. Mas também há algo neles que nos comove. Dá para entender que Jessica Rabbit, cujo gingar deixa os homens boquiabertos, revele seu amor pelo coelho pateta: *ele me faz rir*.

Estas figuras animadas destacam nossa falta de jeito neste mundo regido por lógicas que nos escapam como água pelas mãos. Esta é a essência humana destes bichos: Donald irascível, Pernalonga debochado, Pica-Pau sádico expressam nossa perplexidade frente ao mundo dos homens

Criamos os seres mais estranhos: animais, seres mágicos, fadas e bruxas, elfos, damos movimento a bules, xícaras e candelabros (**A Bela e a Fera**). Em tudo colocamos a marca humana, o antropomorfismo é inevitável. O escritor francês nascido na Argélia, Albert Camus destaca que só podemos pensar e olhar o mundo a partir de nossa condição humana. Afinal *o universo do gato não é o universo do formigueiro*.⁶

Outro destes maravilhosos escritores que nos ajudam a entender o que afinal estamos fazendo por aqui, o italiano Italo Calvino, também pensou

⁶ Albert Camus. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989, p.36.

sobre o antropomorfismo e produziu um livro surpreendente: **As Cosmicômicas** para o qual criou um herói de nome impossível - Qfwfq - que viveu os principais acontecimentos ligados à origem do universo e expressa os sentimentos desencadeados pelas transformações cósmicas em narrativas bem-humoradas. Italo Calvino esclarece que seu interesse pela ciência está *na medida em que me esforço para sair do conhecimento antropomórfico; mas, ao mesmo tempo, estou convencido de que nossa imaginação só pode ser antropomorfa; daí meu desafio de representar antropomorficamente um universo no qual o homem jamais tenha existido, ou em que pareça extremamente improvável que possa vir a existir.*⁷

Interessante este mundo que nós só podemos entender como se fosse nosso sonho, projetado eternamente: animais, plantas, minerais, astros, água e ar como se tudo fosse obra humana. Pois este mundo que parece poderia deixar de existir se toda humanidade fechasse os olhos ao mesmo tempo é, na verdade, como a Torre Eiffel citada pelo escritor Mark Twain, em trecho apontado de modo muito pertinente pelo biólogo e paleontólogo Stephen Jay Gould em livro acerca da história da vida na Terra.

*O homem está aqui há 32 mil anos. Que tenham sido necessários 100 milhões de anos para preparar o mundo para a sua chegada é uma prova de que foi para isto que ele foi feito. Eu imagino que sim, não sei. Se a Torre Eiffel representasse a idade do mundo, a camada de tinta que recobre a saliência da parte mais elevada de seu topo representaria o período de tempo que corresponde à presença humana. Qualquer pessoa perceberia que a torre foi construída por causa da película de tinta. Eu acho que perceberia, não sei.*⁸

Gotas de tinta no oceano, seguimos pensando que o mundo foi feito para nós e assim humanizamos os animais para entender melhor a nós mesmos ou para inventar justificativas para nossos atos desconexos e absurdos. Se você duvida, ligue a televisão.

⁷ Italo Calvino. **Seis propostas para o próximo milênio** São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 106.
Italo Calvino. **As Cosmicômicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

⁸ Citação de Mark Twain retirada de : Stephen Jay Gould. **Vida Maravilhosa: o acaso na evolução e a natureza da história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 45.